

**BOLETIM**

**INFORMATIVO**

da

**MISERICORDIA do SARDOAL**



**SANTA CASA DA MISERICÓRDIA  
DE  
SARDOAL**

||

# Será uma caridade não emprestarem mais dinheiro a Portugal

Sempre que o Rádio e particularmente na Televisão, aparece alguém a dar a notícia de que foi emprestado mais dinheiro a Portugal, tal notícia, ao contrário do que pensam os angariadores governamentais dos empréstimos, causa sempre tristeza nos portugueses que a ouvem.

É nada mais natural. Assim como os filhos, cujo pai se vai cobrindo de dívidas sem perspectivas de as poder facilmente pagar, se arrelham, entristecem, com o afundamento da sua casa, assim os portugueses, ao verem a desgraça que se está abatendo sobre a sua Pátria.

Evidentemente, quem muito arregala os olhos são os credores, quando vêem que o endividado ainda tem alguns cobres no fundo da arca.

O ouro que nos resta, e não a amizade, é ainda o grande chamariz para, a título de ajuda, nos irem emprestando algumas notas.

Mal dos que terão de as

pagar. É certo que ainda há partidos, sobretudo da esquerda marxista, que não terão dificuldades em tomar conta do poder, segundo dizem, para endireitar este caos, mas na realidade com o fito dos olhos no metal amarelo — o ouro — que ainda brilha na arca!

Não descansarão enquanto, com grande demagogia de benfeitores e progressistas, não atirarem com o que resta pela janela fora.

Portugal, perdão, os responsáveis durante os 10 anos vividos após o 25, nada mais fizeram do que representar ao vivo a parábola do filho pródigo, esbanjando a fortuna do pai. Esta década, ficará marcada na História Pátria, como uma verdadeira década de loucura. Foram dez anos de comer e beber, sem olhar para o dia de amanhã. Foi a era dos glutões; esperamos haja um pulso forte que ponha termo a esta boda de consumo!

de A NOSSA TERRA NATAL

• VIERIATO

## MEDITAÇÃO

### A CORTESIA é IRMÃ da CARIDADE!

Não se torna necessária especial atenção para se verificar com mágoa, que as relações humanas se vêm progressivamente deteriorando. A partir mesmo das células básicas das sociedades humanas, as famílias, cuja estrutura secular e «monárquica» desapareceu da própria legislação. Minadas ainda pela falta de espírito de sacrifício de tantos cônjuges irresponsáveis, abaladas pela prática generalizada do trabalho feminino fora do lar, pelo realce dado ao chamado conflito de gerações, pela demissão de autoridade dos pais, pela intromissão poderosa, absorvente e intempestiva da T. V., etc., etc. E a partir do ambiente social, pela dureza do trato, pela indelicadeza dominante e pelo espírito de competição desprezador da personalidade e dos direitos dos outros, pela corrupção, pelos exemplos desgraçados de graves e frequentes delitos, impunes na sua maioria, quando não aprovados e louvados por vastos sectores da opinião...

Como seria mais agradável a vida se houvesse mais cortesia nas relações entre os homens! Não a delicadeza postiça, hipócrita e convencional, mas sim a que brota das almas simples e boas, dos corações bem formados, do espírito de caridade autêntico que faz ver nos outros nossos irmãos, a figura do próprio Senhor, que criou os homens à Sua imagem e semelhança...

A caridade, quando vivida e sentida torna os homens naturalmente simpáticos e amáveis, mesmo quando não lhes foi dado usufruir de educação cuidada ou de instrução rudimentar. O trato cortez é para os que conhecem e procuram viver o Evangelho verdadeira obrigação e testemunho até da autenticidade das suas crenças e leva os outros a serem igualmente correctos e simpáticos no convívio quotidiano. E não se confunde nunca com o servilismo humilhante e oportunista de atitudes convencionalmente delicadas usadas quando, e somente apenas, convém aos que pensadamente as assumem com aqueles de que dependem ou com os de quem esperam algo de seu interesse particular...

A cortezia, irmã da caridade, tem de ser desinteressada e universal e traduzir um estado de espírito coerente com o amor do próximo, rico ou pobre, poderoso ou humilde, simpático ou de trato menos fácil, velho ou novo, cristão, gentio muçulmano ou agnóstico, de direita ou de esquerda, ou sem conotação política conhecida. O cristão amando o seu semelhante, o tratará em todas as circunstâncias como gostaria de ser tratado e o considera sempre como pessoa singular e irrepitível pela qual também se sacrificou no Calvário, Jesus Nosso Senhor, levado à morte de cruz pelos pecados de todos os homens...

— ABEL SAMPAIO TAVARES

## AO CAIR DA TARDE

Em todo o céu se apagou a refulgência de ouro, o esplendor arrogante que se não deixa fitar e quase repele: agora apaziguado e tratável, ele derrama uma doçura, uma pacificação, que penetra na alma, a torna também pacífica e doce, e cria esse momento raro em que céu e alma fraternizam e se entendem.

Os arvoredos repousam, numa imobilidade de contemplação que é inteligente. No piar velado e curto dos pássaros há recolhimento e consciência de ninho feliz. Em fila, a boiada volta dos pastos cansada e farta, e vai ainda beber ao tanque, onde o gotejar da água sob a cruz é mais preguiçoso.

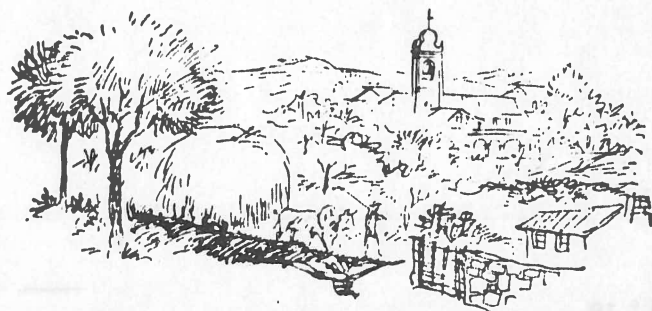
Toca o sino a avé-marias. Em todos os casais se está murmurando o nome de Nosso Senhor. Um carro retardado, pejado de mato, geme pela sombra da azinhaga.

É tudo e tão calmo, e simples, e terno, que, em qualquer banco de pedra em que me sente, fico enlevado, sentindo a penetrante bondade das coisas, e tão em harmonia com ela, que não há nesta alma, tão incrustada das lamas do mundo, pensamento que não pudesse contar a um santo.

Eça de Queirós — Correspondência de Fredrique Mendes

## NUMA ALDEIA PORTUGUESA

### HÁ CEM ANOS...





## Visita de D. Carlos

Perfazem-se, agora, 77 anos. Foi a 22 de Junho, um sábado de 1907.

A vida em Sardoal decorria no ar pacato e tranquilo do costume que, aliás, têm sido sempre o timbre deste povo. Lutas e dissensões, querelas e tumultos, que se desenrolavam, já, com grande recorte, por tantas outras zonas, num prenúncio de hostilidade à monarquia reinante, não tinham grande eco, ainda, neste meio, sempre hostil à violência e à balbúrdia.

D. Carlos ocupava, então, o poder. Com sabedoria e talento, dizem os historiadores honestos e imparciais. E amado, também, por uma grande parte do povo são, acrescentam igualmente. Era um monarca bom e afável, que se comprazia fazendo o Bem, e procurando governar com justiça, equidade e bom senso. Uma História de Portugal, por elementar que seja, falar-nos-á das suas reformas e dos seus projectos, do equilíbrio como sempre pautou a sua conduta, do grande interesse que lhe mereciam todas as medidas que visassem o fomento e o progresso da terra portuguesa.

Ora, em meados desse ano, mais precisamente a 22 de Junho, o Rei veio de visita a Sardoal. Era hóspede dos Condes de Alferrarede, no seu palacete da Anadia. Estivera em Abrantes, no dia anterior, para se inteirar, ao vivo, das condições em que funcionava a guarnição militar da cidade (então, ainda, Vila). Com o mesmo fim se dirigira, igualmente, a Tancos, onde havia regimentos sediados.

Naquela manhã, e já fora do programa da sua deslocação, deliberou vir a Sardoal.

Foi quase uma surpresa, pois dizem as gazetas que só à última da hora se soube tal notícia, na terra. Mas, não obstante, o povo caprichou em o esperar da melhor maneira possível, e recebeu-o em apoteose.

A notícia que junto se extracta é pálida e sucinta, em relação ao que se passou. Vem no jornal "O Século"-cujas simpatias republicanas já eram, então, bem definidas, na altura.

Sardoal.—A's onze horas da manhã chegaram em automoveis a esta villa El-Rei o senhor D. Carlos, o seu ajudante sr. Figueroa da Camara, o governador civil do districto, dr. Cardoso de Menezes, os srs. condes de Alferrarede e condes do Argos.

A visita, para que muito concorreu o sr. conde de Alferrarede, que a esta villa vota muita sympathia e consideração, deu causa a uma imponente e entusiastica manifestação ao regio visitante.

Só hoje de manhã houve noticia official confirmando a visita de El-Rei.

As escolas dos dois sexos, a camara municipal, a auctoridade administrativa, todos os funcionarios publicos, os principaes homens d'esta villa, com merciantes, artistas, jornaleros, todos, enfim, acclamaram, na praça fronteira ao edificio municipal, El-Rei e a familia real.

Duas bandas de musica executaram o hymno da Carta.

El-Rei subiu aos paços do concelho, e na sala das sessões, recebeu as apresentações e os cumprimentos, o sr. presidente da camara, rev. Silva Martins, n'uma brova mas eloquente allocução, deu a El-Rei as boas vindas, exprimindo d'uma forma elevada quanto o povo d'este concelho se sentia ufano e grato pela honra que lhe foi conferida. Para commemorar a visita de El-Rei lavrou-se a acta, que sua magestade assignou, bem como todos os presentes. Tanto na sala das sessões, como na praça, as acclamaciones a El-Rei e a familia real, revestiram uma impugencia extraordinaria, continuando até que os automoveis se perderam do vista.

(Continua na pág. 4)

### SUA DINÂMICA ACTUAL

As Misericórdias Portuguesas, Instituições Seculares, foram criadas, como o próprio nome indica, para exercerem as "Obras de Misericórdia". Nessa medida se têm empenhado, desde sempre, e ao longo dos tempos, no desenvolvimento de acções tendentes a conseguir esse objectivo, no todo ou em parte, como maior ou menor perfeição, mais ou menos empenho e possibilidades, de acordo com as circunstâncias de tempos, lugar, etc., e a vitalidade de cada uma. Assim é que, passados que são quase cinco séculos, podemos afirmar que as Misericórdias continuam a caminhar na mesma direcção, ou seja numa mesma e constante tentativa de conseguir atingir o objectivo proposto no início das suas funções.

Mas, se vale remontar às origens para detectar e confirmar os seus objectivos, o mesmo não se poderá dizer em relação à forma concreta de atingir esses objectivos, forma que tem apresentado muitas e diversas facetas ao longo dos tempos.

Porém estas facetas ou feições, longe de lhes desvirtuarem o rosto autêntico, antes lhes proporcionam, um rejuvenescimento constante.

É esse rejuvenescimento que junto à sua longa e rica experiência, confere às Misericórdias um lugar de merecido destaque entre as múltiplas Instituições Privadas de Solidariedade Social de qualquer tipo ou natureza.

### PROJECTOS DE NOVAS ACTIVIDADES

As Misericórdias não têm sido nem são, por natureza Instituições estáticas, e, neste ponto, a hora actual pode considerar-se como uma fase de franco progresso, não só no incremento de novas actividades, mas também na transformação e desenvolvimento das já existentes.

Numa análise global e muito sumária, do que se projecta a curto prazo, verificamos que o sector da população idosa continua, não apenas a ocupar o primeiro lugar, mas a subir consideravelmente na proporção dos outros sectores, prova de que as Misericórdias o consideram altamente carenciado e por isso mesmo digno de maior atenção.

Neste sector importa também salientar o incremento enorme de Centros de Dia e, um pouco menos, mas também com crescimento, o apoio Domiciliário.

Quanto à Infância, prevê-se agora um aumento do número de creches em relação ao dos jardins de Infância, diferença aliás, sem grande significado.

Para além dos sectores mencionados, muitas outras actividades estão programadas, apresentando um leque variadíssimo, quanto ao tipo e quanto ao campo de acção, embora com especial relevo nas áreas da saúde e da cultura, onde não restam dúvidas de que há muitíssimo a fazer.

No vasto campo social, estão as Misericórdias a dar particular atenção aos deficientes de vária ordem, com a criação de escolas de ensino especial, e algumas ensaiam acções de recuperação de marginaes, sobretudo, alcoólicos.

E, para a enorme lacuna da habitação, verificada no nosso país, pretendem estas Instituições responder, a curto prazo, com a construção de bairros para pobres, com o fomento da habitação social sob diversos aspectos e a criação de lares para estudantes.

Esta, em traços largos, a panorâmica visível da actividade das Misericórdias Portuguesas, na hora actual, panorâmica que, por falta de dados mais pormenorizados, não será tão clara e completa quanto desejaríamos, mas de qualquer modo, suficiente para, desde já, termos uma visão global da situação destas Instituições.

A concluir, diremos, não para ficar pelo que já se faz ou projecta, mas como estímulo a um crescimento sempre constante, que os problemas sociais, por maiores e mais graves que sejam, nunca são tão grandes como a capacidade humana para os solucionar. Assim haja também a indispensável vontade individual e colectiva que permita estabelecer laços de solidariedade cada vez mais fortes entre os homens e os povos, de sorte que o que antes era difícil se torne fácil e o que não passava de sonho se converta, pouco a pouco, em realidade, a fim de que a humanidade vá atingindo graus de progresso cada vez mais elevados e mais amplos, tão amplos que abranjam todas as dimensões do homem, para que o bem estar e a felicidade que todos desejamos deixem de ser uma utopia.

Conceição Brites



## ...do SARDOAL ANTIGOS

(Continuação da pág 3)

Alguns sardoalenses, ainda felizmente vivos, têm na lembrança e contam o que foi essa manifestação de apreço e de respeito ao Soberano.

Como se pode ler naquela local, a visita deu motivo a imponente e estrondosa manifestação do povo e Autoridades -apesar de, como se deixou referido, apenas haver sido comunicada sobre a hora.

Talvez porque esse relato fosse passado ao jornal telegraficamente (somente nos anos 30 o Sardoal passou a dispor de telefone), alguns pormenores deixaram de ser referidos. Assim, pode acrescentar-se que o régio visitante, depois da recepção na Câmara, fez uma breve visita à Igreja Matriz e do respectivo adro lhe foi mostrado o núcleo antigo da terra, as chamadas "Ruas Velhas", onde, em tempos imemoriais, fora o berço do Sardoal; depois, esteve, ainda, no Convento, onde apreciou o Mosteiro de Santa Maria da Caridade e a capela anexa do Senhor dos Remédios, bem como o Hospital da Misericórdia que lhes está adstrito. Aí, percorreu as enfermarias, onde conversou afavelmente com os doentes, interessando-se e querendo saber das suas condições de hospitalização. E, à vista de tudo o que lhe fora dado observar, e do irrepreensível asseio e arrumação de todas as dependências, entendeu felicitar vivamente a Mesa Administrativa. Mais:- inteirado das dificuldades com que se debatia aquela Casa de Bem-fazer, logo mandou entregar um generoso donativo do seu bolso, com a recomendação expressa e categórica de que esse gesto houvesse de ficar anónimo! E a real vontade assim se respeitou -mesmo a contragosto da Mesa, como se compreende.

Mais tarde, o Conde Alferrarede, que fora o seu anfitrião durante os dois dias da sua estadia nesta zona, haveria de referir que o Rei lhe comentara, muito sensibilizado, este último passo da sua visita ao Sardoal.

Nunca esse bondoso Rei poderia ter imaginado, alguma vez que, cerca de 80 anos após, novos poderes constituídos, servindo-se dos seus esbirros, bajuladores e servís, haveriam de querer aniquilar, pura e simplesmente, esse mesmo Hospital -que há mais de 500 anos aqui está aberto, apenas com o fim unico e exclusivo de socorrer e amparar todos os carecidos e necessitados!

- M.

## O furo artesiano na cerca da Misericórdia

No ano transacto e, já, mesmo, no anterior levantou-se alguma celeuma pública a respeito do furo artesiano da cerca da Misericórdia, quando escasseou a água potável em Sardoal.

Fizeram-se comentários dispares e contraditórios, nos locais da terra onde habitualmente as pessoas convivem ou fazem ajuntamentos -e aconteceu, mesmo, terem-se levantado quezílias, inúteis e despropositadas e, até, se radicalizaram posições que, no fundo, quase sempre tinham por base um imperfeito e deficiente conhecimento das realidades. Paralelamente, houve quem lançasse insinuações e boatos em desabono da Misericórdia, procurando envolver esta Instituição nos meandros sinuosos das politiquices da terra, onde os merxericos são habilmente explorados, servindo-lhes como veículo principal de agitação, regra geral, os menos cultos e instruídos, que são, como é óbvio, uma presa mais fácil e manobrável aos interesses particularizados.

A Misericórdia, porém, foi deixando passar essa vaga alterosa sem lhe dar importância de maior. E, depois, quando a Câmara, formalmente, lhe oficiou no sentido de poder vir a utilizar a referida água para abastecimento público, de imediato concordou com essa cedência gratuita e franca, dentro das normas e nos termos estatutários do Compromisso da Irmandade. Para o efeito, o consultor jurídico da Santa Casa elaborou o esquema respectivo, que logo foi enviado ao Município.

Porém, tempos decorridos, deslocaram-se a esta Vila engenheiros do Ministério das Obras Públicas, adstritos aos serviços de águas, os quais acharam as nascentes do Braçal como suficientes para o abastecimento da Vila, desde que a canalização adutora (com 40 anos de uso) seja posta em condições.

Também, foi reprovada, por inteiro, a utilização pública da água do furo da Misericórdia, por as análises laboratoriais a terem dado como imprópria para consumo.

## Festa do SENHOR dos REMÉDIOS

Como é de uma antiga tradição, que remonta aos fins de 1700, mais uma vez se realizou, este ano, a Festa do Senhor dos Remédios.

Confinou-se, porém, à parte religiosa, exclusivamente, tendo constado de Missa de festa e sermão de circunstância, bem como da visita colectiva à capela onde se venera aquela Santa Imagem.

Foi grande a assistência de fiéis -que, em recolhida piedade, tomaram parte nesses actos de culto

DIRECCÃO-GERAL DE SAÚDE

CENTRO DE SAÚDE DO CONCELHO DE SARDOAL

N.º DELEGADO DE SAÚDE DE SARDOAL

AO EXMO SENHOR PROVIDOR DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE SARDOAL

N.º de referência  
46/81  
ASSC/70

Sua comunicação de  
7/12/81

Nossa referência  
P.º LES - 389/81  
Data  
10-12-81

Conforme o solicitado pelo v/officio acima referido, informo V.Ex.ª de que a água do furo da cerca se encontra imprópria para consumo, podendo ser confirmado por análises das quais lhe remeto fotocópias.

Com os melhores cumprimentos

O DELEGADO DE SAÚDE

/FS.

-Nuno José Cardoso Nandim de Carvalho-

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA  
SARDOAL

11/12/81

11-12-81

boletim informativo da Santa Casa da Misericórdia de SARDOAL  
Edição e Propriedade da Misericórdia de Sardoal - 2230 SARDOAL

4 N.º 10 Maio de 1984

(Distribuição gratuita)

Publicação mensal